

O PROCESSO DE ESCOLHA DA ÁREA DE ATUAÇÃO PELO GRADUANDO DE PSICOLOGIA

Marcela Fernanda de Souza¹

Regina Lúcia de Souza²

RESUMO:

O presente estudo objetivou conhecer como ocorre o processo de escolha da área de atuação e orientação teórico-metodológica por graduandos de Psicologia de uma instituição de Ensino Superior da região metropolitana do Vale do Aço. A amostra foi composta por oito alunos do nono período, com idades entre 22 e 37 anos que responderam uma entrevista semi-estruturada contendo 10 questões sobre a formação em Psicologia e o processo de escolha da área de atuação. A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa, através da análise de conteúdo. Dentre os estudantes entrevistados, evidenciou-se certa confusão entre área de atuação e abordagem psicológica. Identificou-se ainda, não haver uma obrigatoriedade em se fazer a escolha ao longo da graduação, sendo esta um processo singular que faz parte da formação de cada indivíduo, podendo ocorrer em momentos específicos para cada graduando.

Palavras- chaves: Formação em Psicologia. Escolha. Áreas de atuação.

ABSTRACT:

The objective of this study is to find out how the undergraduate students of Psychology of a Higher Education Institution at the Vale do Aço region choose their field of specialization. Eight students between the ages of 22 to 37 years, enrolled in the ninth period, were selected as a study group and a semi-structured interview

¹ Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – UNILESTE.

² Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo; Professora do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – UNILESTE

consisting of 10 questions was conducted regarding their psychology education and the process of choosing a target area. The analysis of the data collected was done in a qualitative format through analysis of its contents. Two of the interviewed students had already chosen their field of specialization, one of them picked a psychological approach and five of them had not made a decision yet on a field of specialization. This implies that this decision making process does not have to be done during their undergraduate studies; it is rather a unique process which may be part of the development of each student, and it may occur at a particular time for each individual undergraduate.

Keywords: Education in Psychology. Choice. Field of Specialization.

Introdução

A escolha por uma profissão caracteriza-se como um fator que pode causar surgimento de angústia, uma vez que pode acarretar mudanças na vida do indivíduo. Desta forma, e ainda em virtude da pressão geralmente exercida pelo meio social ao qual se pertence (família, amigos), escolher pode se tornar uma tarefa difícil, geradora de insegurança. A graduação representa uma fase de descobertas e buscas para o sujeito. Uvaldo (1995) caracteriza a graduação como um período causador de conflitos ao graduando em momentos distintos; o início do curso é um momento de adaptação ao mesmo e à vida universitária, o meio do curso apresenta-se como a fase de sentir a responsabilidade social da profissão, porém sem que o aluno se sinta preparado diante da sensação; já o final do curso é caracterizado pelo medo de se inserir no mercado de trabalho, com surgimento da sensação de despreparo, em virtude da perda da segurança de ser estudante, reconhecendo-se enquanto um profissional sem experiência.

Segundo Leibel (2002) a Psicologia ao longo dos últimos anos teve seu campo de atuação ampliado, o que fez com que o psicólogo passasse a ser requisitado em diversas novas áreas. Em virtude desta vastidão de possibilidades, o estudante de Psicologia vê-se em meio um impasse: *por qual área optar?*. Ressalta-se ainda que apesar da ampliação do mercado, há um afunilamento no mesmo; e diante da

diversidade de áreas de atuação e embasamentos teórico-metodológicos, cabe ao profissional atuante ter uma visão multifacetada, para atender às demandas do mercado e ampliar cada vez mais este espaço.

Portanto a escolha torna-se algo que pode gerar angústia no indivíduo em formação acadêmica, por representar uma incerteza, deste modo, o graduando que se vê frente à possibilidade de escolher, pode angustiar-se por não saber as consequências de sua escolha. De acordo com Leibel (2002) a experiência com a prática pode ser de grande importância no momento da decisão, uma vez que esta se caracteriza como possibilidade de estabelecer conexões entre o aprendizado teórico-metodológico e a atuação profissional, podendo contribuir de forma significativa para o desenvolvimento de uma identidade profissional.

Tendo em vista as várias possibilidades de áreas de atuação e aportes teórico-metodológicos existentes na Psicologia, o presente estudo objetivou conhecer como ocorre o processo de escolha por uma área de atuação e orientação teórico-metodológica por graduandos de Psicologia, identificando possíveis variáveis de influência que se fazem presentes neste processo. Vale ressaltar que o estudo valeu-se de uma abordagem qualitativa, não sendo possível generalizar os resultados do mesmo para além dos estudantes entrevistados, entretanto, os apontamentos deste estudo podem servir de subsídios para novos estudos referentes a esta temática, sendo relevante para a produção de conhecimento sobre a formação em psicologia.

História da Psicologia

O ano de 1879 marca o surgimento da Psicologia como ciência, com a fundação do laboratório de psicologia experimental de Wilhelm Wundt em Leipzig na Alemanha. Logo, a psicologia que surgiu a partir da fisiologia e da filosofia surgiu enquanto uma ciência experimental, sua primeira escola foi o estruturalismo que visava conhecer a mente humana através do experimentalismo (GOODWIN, 2005). No Brasil a profissão foi regulamentada no dia 27 de agosto de 1962 com a aprovação da Lei nº4. 119 (PEREIRA; PEREIRA NETO, 2003). A regulamentação

da profissão consagrou o dia 27 de agosto como o dia do psicólogo (ANGELINI, 2005).

A regulamentação da psicologia enquanto profissão foi marcada por lutas constantes dos novos profissionais para garantir seus direitos. Gil (1985) aponta que após a regulamentação, o trabalho do psicólogo se manifestou basicamente nas áreas clínica, industrial, escolar e magistério, fato este corroborado pelo fato de que antes de sua regulamentação como profissão a psicologia vinculava-se à medicina, à educação e à engenharia. O autor ainda sugere que a área clínica é a preferida dos psicólogos, por garantir mais autonomia e satisfação profissional. Dado semelhante a este se encontra em pesquisas onde sugere-se que, apesar da ampliação dos campos de atuação dos psicólogos, a área clínica continua sendo indicada tanto por profissionais, quanto por pessoas leigas como a área de maior inserção do psicólogo e a mais tradicional (CRP/06, 1995; CRUCES, 2006; JAPUR; OSÓRIO, 1998; NORONHA, 1997 apud BARDAGI et al., 2008). (estou colocando em destaque de amarelo as citações corrigidas)

Segundo Angelini (2005) a lei de regulamentação da profissão foi complementada pelo parecer nº. 403/62 do Conselho Federal de Educação que estabeleceu o currículo mínimo para os cursos de Psicologia do país, dado este ampliado por Gomes (2000 apud BARDAGI et al., 2008) referindo-se às discussões nos diferentes cursos nos últimos anos no que se refere à reforma curricular, incluindo-se aqui a Psicologia, com as críticas ao currículo mínimo de 1962, culminando em uma proposta de uma formação ampla, pluralista, valorizando a ética e o espírito científico.

Após a regulamentação, a Psicologia começou a adquirir mais espaço como campo de atuação, e os novos profissionais a obterem uma formação mais adequada, pautada nos atributos pretendidos ao Psicólogo. Vale ressaltar que ao longo dos anos houve a necessidade de se reformular o currículo mínimo para os cursos de graduação em Psicologia, o que se deu através da Resolução nº 08 do Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Superior de 07 de maio de 2004, onde se instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em

Psicologia (MEC, 2001 apud BARDAGI et al., 2008), enfatizando uma formação profissional de qualidade, capaz de tornar o graduando apto para exercer a profissão nas diversas facetas que a Psicologia assumiu após a sua regulamentação enquanto profissão. Nos dias de hoje a Psicologia tem ganhado cada vez mais espaço de atuação, assim sendo, as diretrizes buscam abarcar essas novas possibilidades do fazer *PSI* (BRASIL, 2004).

Aprovada em 19 de fevereiro de 2004 as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de graduação em Psicologia (DCN) definem os requisitos mínimos para a formação do Psicólogo, objetivando uma homogeneidade dos cursos de graduação em Psicologia no país. Para tal, foram definidas as habilidades gerais que devem ser desenvolvidas no graduando como, por exemplo, o espírito de investigação científica e a possibilidade de escolha da área de atuação, sendo que cada curso deve oferecer no mínimo duas possibilidades de ênfases curriculares (BRASIL, 2004).

Tendo em vista o leque de possibilidades de atuação que a psicologia oferece, as diretrizes propõem ainda que os cursos de graduação em psicologia ofereçam uma formação abrangente e pluralista, levando em consideração as singularidades e a vocação de cada indivíduo, acentuando a dimensão social e ética da profissão, para que o graduando ao longo de sua formação desenvolva habilidades que o capacitem a se tornar um profissional ético e capaz de colocar em prática as habilidades desenvolvidas ao longo da graduação. As experiências práticas representam outro aspecto relevante proposto pelas DCN, que enfatizam a importância dos estágios, que devem fomentar a vivência prática das peculiaridades da atuação do psicólogo, contribuindo para o desenvolvimento da identidade. As DCN sugerem ainda que a carga horária dos estágios corresponda no mínimo a 15% da carga horária total do curso (BRASIL, 2004).

Abdalla, Batista e Batista (2008), apontam que uma das dificuldades apontadas por graduandos de psicologia quanto à escolha da área de atuação, é a grande lacuna existente entre teoria e prática, uma vez que os estágios geralmente ocorrem no final do curso, assim sendo, os graduandos acabam não tendo contato com tudo o que querem, sentindo-se de certa forma despreparados para enfrentar o mercado de

trabalho. Estes autores sugerem ainda uma reformulação dos currículos dos cursos de graduação em Psicologia, visando uma aprendizagem ativa que conjugue teoria e prática, onde os docentes tenham mais disponibilidade para supervisionar os alunos na aprendizagem da teoria e da prática, pois a relação professor aluno terá grande influência na construção do perfil profissional deste.

A(s) psicologia(s)

A ciência psicológica é caracterizada, desde os primórdios, por sua multiplicidade de olhares sobre o ser humano, seu objeto de estudo. Bastos e Gomide (1989, p.9) definem “área de atuação como o conjunto de características que, de alguma forma, demarca o campo de trabalho do psicólogo e confere alguma identidade ao grupo de profissionais que se dedica àquelas atividades”. Segundo Bastos (1988 apud GONDIM; BASTOS; PEIXOTO, 2010) a legislação prevê para o psicólogo as funções de ensinar e atuar em contextos profissionais, e os três principais são as áreas clínica, escolar e industrial.

Há que se dizer ainda que, tal como apontado por autores como Bastos e Gomide (1989) e Gondim, Bastos e Peixoto (2010), ao longo dos anos a psicologia teve seu espaço ampliado para além de suas três principais áreas, com o concomitante surgimento de novos campos como, a psicologia institucional, psicologia do trânsito e psicologia do esporte. De acordo com Neto (2011), ocorreu ainda o fortalecimento da psicologia social, como forma de atuação e modelo de formação, principalmente com a prevalência das políticas públicas, evidenciando dados apontados por Bastos, Gondim e Peixoto (2010, p.176) sobre o aumento da preocupação de psicólogos, desde o ano de 1992, “com seu papel social e com as demandas coletivas, dando passos na direção oposta a um modelo individualista alicerçado no atendimento clínico de consultório”.

O Conselho Federal de Psicologia (CFP, 1992, p.1) caracteriza o psicólogo como o profissional apto para trabalhar individualmente, ou em equipes multiprofissionais, nas áreas da saúde, educação, comunidades, justiça, pesquisa, psicodiagnóstico, promoção da saúde mental e tratamento de distúrbios psíquicos, lazer, seleção de

peças, dentre outros, objetivando-se sempre “promover, em seu trabalho, o respeito à dignidade e integridade do ser humano”. Distribui ainda a categoria em: psicólogo clínico, psicólogo do trabalho, psicólogo do trânsito, psicólogo educacional, psicólogo jurídico, psicólogo do esporte, psicólogo social e professor de psicologia (podendo lecionar no 2º grau ou ensino superior).

A psicologia é caracterizada ainda por uma vastidão de orientações teórico-metodológicas, cada uma com sua visão de homem, sociedade e ciência (GONDIM; BASTOS; PEIXOTO, 2010). Psicanálise; Comportamental; Gestalt; Psicodrama; Humanista; Fenomenologia Existencial; Sócio-histórica; Analítica, e outras variadas possibilidades de abordar o fenômeno humano compõem a multiplicidade marcante na psicologia. A psicanálise é apontada como a abordagem mais utilizada por psicólogos brasileiros, seguida das abordagens humanistas, comportamental, sócio-histórica e cognitivista (GONDIM; BASTOS; PEIXOTO, 2010). Estudos anteriores apontam psicanálise, seguida de comportamental e fenomenológica (BASTOS; GOMIDE, 1989).

Bueno, Lemos e Tomé (2004) acrescentam, no que se refere à formação em psicologia que, a inserção acadêmica não é um fim em si mesma, uma vez que trás consigo inquietações diante das possibilidades de escolha, o que é justificável diante da amplitude da ciência psicológica. Apontam ainda que os estudantes de psicologia possuem características peculiares (intelectuais, traços de personalidade) que interferem nas escolhas realizadas ao longo da carreira.

Metodologia

Participaram da pesquisa oito alunos do nono período do curso de Psicologia de uma IES localizada na região metropolitana do Vale do Aço, dos quais seis alunos são do turno noturno e dois do diurno. A seleção da amostra ocorreu de forma aleatória. Seis participantes são do sexo feminino, e dois são do sexo masculino, com idades entre 22 e 37 anos. Somente um dos entrevistados declarou ser casado. Um dos entrevistados disse ter filho. Sete dos oito graduandos

entrevistados afirmaram trabalhar e somente um não trabalha. As profissões citadas são diversificadas, tais como: operador de telemarketing, funcionário público, músico e religioso.

A abordagem utilizada no levantamento e tratamento dos dados da pesquisa teve uma perspectiva descritiva, característica esta da pesquisa qualitativa, uma vez que se propôs conhecer, interpretar e descrever a realidade sem nela intervir (CAMPOS, 2004). Esta investigação assumiu ainda um aspecto de estudo de campo, uma vez que a coleta de dados se deu através do contato direto com os graduandos participantes, objetivando conhecer mais sobre a realidade destes (GIL, 2002).

Os dados foram coletados através de entrevista semi-estruturada, composta por dez questões referentes à formação em Psicologia na referida IES e ao processo de escolha da área de atuação, onde possibilitou-se ao entrevistado falar livremente sobre suas percepções. As entrevistas foram gravadas, após o consentimento dos entrevistados, e depois transcritas.

Análise e discussão dos dados

A análise qualitativa de dados assume muitas vezes um caráter subjetivo e pessoal sobre as informações coletadas pelo pesquisador ao longo da pesquisa (CAMPOS, 2004). Isso se dá em virtude da análise dos dados ser feita de forma não sistemática, correndo-se o risco de interferências pessoais do pesquisador. Neste estudo, o tratamento dos dados deu-se através da análise de conteúdo, técnica esta que tendo como ponto principal da análise a mensagem verbal (oral ou escrita) visa compreender o significado da mensagem, levando-se em consideração as condições diversas (emocionais, culturais, econômicas) presentes na enunciação do indivíduo (FRANCO, 2005). Portanto, após a coleta e transcrição dos dados, estes foram examinados valendo-se das categorias de análise, através da classificação em categorias semelhantes (FRANCO, 2005), o que permitiu construir categorias de respostas relevantes ao que se pretendia verificar no estudo. Desta forma, foi possível estabelecer duas categorias de respostas referentes ao processo de

escolha por uma área de atuação: percepção dos entrevistados sobre a formação em Psicologia e percepção sobre processo de escolha por uma área de atuação específica. Cada uma dessas categorias foram divididas em subcategorias.

1. Percepção sobre a formação em Psicologia da IES

1.1 Percepção sobre as Abordagens Psicológicas

No que se refere às abordagens Psicológicas apresentadas durante o curso, as mais citadas pelos graduandos entrevistados foram Psicanálise e Comportamental, seguidas da abordagem Existencial; citou-se também a Psicologia do Desenvolvimento, Gestalt e os Fundamentos Junguianos (teoria Analítica). Seis dos oito entrevistados, mesmo citando abordagens teóricas, citaram também campos de atuação como sendo aportes teóricos, o que sugere dificuldade em distinguir abordagem teórica e área de atuação. As áreas de atuação citadas como abordagens foram: organizacional, orientação profissional e a área social; esta dificuldade foi percebida de forma similar nos resultados da pesquisa sobre o perfil dos psicólogos do Espírito Santo (SEÇÃO ES/ CRP – 04, 2002), onde os resultados apontaram que alguns profissionais quando questionados sobre a abordagem teórica adotada em seu exercício profissional, indicaram técnicas ao invés de abordagens.

As falas abaixo ilustram o que emergiu sobre as abordagens teóricas apresentadas ao longo do curso e da percepção dos mesmos quanto às principais abordagens na Psicologia:

Organizacional, comportamentalista, existencialista, psicanalista, acho que abrange quase todas as abordagens [...]. (E3)³

Não, eu não consigo ver uma diferenciação de principais abordagens não. A gente vê que tem uma gama bem misturada [...]. (E4)

[...] Pra mim a principal é a organizacional e social. (E8)

1.2 Percepção sobre as Ênfases Curriculares Nacionais

³ As falas dos entrevistados serão identificadas pela letra E, seguida do número de ordem das entrevistas.

De acordo com o Projeto Pedagógico do curso de Psicologia da IES onde a pesquisa foi realizada (CORONEL FABRICIANO, 2008), foi necessário uma reformulação curricular na tentativa de apresentar uma diversidade teórico-metodológica e de campo de atuação do psicólogo. As Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Psicologia versam em seu Art. 10º que a formação em Psicologia deve diferenciar-se em ênfases curriculares em virtude da diversidade de orientações teórico-metodológicas, práticas e contextos de inserção do profissional de Psicologia; sendo que as ênfases devem ser articuladas de forma que instigue o aluno a desenvolver as competências e habilidades necessárias à atuação profissional através de estudos e estágios em alguma área da Psicologia. Este artigo versa ainda sobre a liberdade assegurada a cada instituição de ensino para oferecer as ênfases que lhe convier, contudo estas devem atender às demandas sociais e condições da instituição. Todavia, cada instituição deve oferecer no mínimo duas ênfases, das quais ao aluno deve ser dado o direito de escolher no mínimo uma (BRASIL, 2004).

Percebe-se, que a estrutura curricular do curso de Psicologia da referida IES encontra-se coerente com o que propõem as Diretrizes. Em relação às ênfases curriculares oferecidas, os graduandos entrevistados citaram a área Clínica seguida das áreas social e organizacional, também nomeadas de A e B, respectivamente, apontou-se ainda a possibilidade de conjugar as duas ênfases (A e B juntas). Acrescenta-se que as ênfases ofertadas pelo curso são duas, assim como dispõe o § 3º do Art. 10º das DCN (BRASIL, 2004). Observa-se que apesar de não nomearem as ênfases assim como proposto no currículo do curso, os alunos compreendem as ênfases ofertadas no referido curso, e este por sua vez, encontra-se em consonância com as Diretrizes no que se refere à oferta do curso em ênfases curriculares. A fala abaixo exemplifica a compreensão sobre as ênfases curriculares:

[...] hoje a ênfase é dividida em A, B e AB, a ênfase A, eu não vou saber dizer exatamente qual que é a A, eu sei que uma é voltada para a área psicossocial, que é uma área mais social e da saúde, e a outra área é uma ênfase focada mais na área organizacional, mas a gente tem a oportunidade de estar fazendo todas as ênfases no nono e no décimo período. (E4)

1.3 Percepção em relação aos estágios ofertados

No total de citações a respeito das áreas em que são ofertados estágios no referido curso de Psicologia, os graduandos entrevistados apontaram as seguintes áreas: social e clínica, 75% das citações; a área organizacional em 50% das citações e a área Escolar em 25% das citações.

Quando questionados sobre a relevância dos estágios, todos os graduandos entrevistados apontaram a importância da atividade prática no momento de se optar por um campo de atuação, sendo que os estágios foram apontados como a principal influência em uma escolha, seguida ainda pelo fato de se ter contato com determinada área em virtude de um emprego; este dado demonstra a importância da vivência na prática de teorias e técnicas. Os entrevistados percebem a prática como o momento de experimentar o que foi aprendido ao longo do curso, sendo possível amadurecer uma escolha. Este dado só faz confirmar a proposta do Projeto Pedagógico do curso referido, onde se diz,

A experiência dos estágios supervisionados visa assegurar o contato do formando com situações, contextos e instituições, permitindo que conhecimentos, habilidades e atitudes se concretizem em ações profissionais, iniciadas nas atividades práticas elaboradas pelas disciplinas ofertadas nos períodos iniciais da formação (CORONEL FABRICIANO, 2008, p.37)

Destaca-se novamente a coerência do Projeto Pedagógico do curso de Psicologia da IES pesquisada e a proposta das DCN, que dispõem em seus artigos 20, 21, 22 e 23 sobre a forma de ofertar os estágios, e que estes devem fazer com que o aluno através do contato com o fazer do psicólogo nos diversos contextos onde a Psicologia se insere desenvolva habilidades e competências para um futuro exercício profissional (BRASIL, 2004). Esta importância da prática pode ser ilustrada pela fala de um dos entrevistados a respeito da relevância dos estágios:

Eu acho que o principal é o estágio é o que mais influencia, porque é o lugar onde a gente sabe realmente a forma que tá agindo, o que é exatamente, e não só a base teórica [...] então a gente se identifica com o que está sendo passado, até mesmo na questão teórica, com autores, com o quê que os autores abordam, [...]. (E2)

1.4 Percepção em relação à atuação em Psicologia

Com relação às possibilidades de atuação em Psicologia, as áreas mais citadas foram à área Organizacional, representando 80% das citações; a área Clínica, representando 60% das citações e a área Social com 40% das citações. Citou-se ainda a área Educacional e a Orientação Profissional. O maior número de citações da área Organizacional pode ter ocorrido em virtude de que segundo alguns dos participantes a IES pesquisada localiza-se em um pólo industrial siderúrgico com importante relevância nacional, o que para os alunos pesquisados caracteriza-se um fator de peso para o delineamento do curso. Três dos oito participantes da pesquisa, responderam a esta questão sem especificar uma ou outra área, mas valorizando as áreas existentes, relatando que há várias possibilidades de atuação na Psicologia, caracterizando-a como um campo muito extenso. O Catálogo Brasileiro de Ocupações (2002) vem corroborar esta percepção dos alunos entrevistados através das atribuições profissionais do psicólogo no Brasil, especificando as atribuições das diversas categorias de atuação existentes na Psicologia: trabalho, educação, clínica, trânsito, jurídica, esporte, social e outras não especificadas, como a atuação em pesquisas, destacando-se as diversas possibilidades do fazer da Psicologia, desde uma psicoterapia, encaminhamento até mesmo laudos periciais.

É válido ressaltar que surgiram algumas falas de possibilidades de atuação do psicólogo não relacionadas diretamente às áreas específicas de atuação em Psicologia. Foi sugerido por um dos entrevistados que a Psicologia pode estar em qualquer lugar onde tenha o sujeito com seu sofrimento e seu adoecimento. Surgiu ainda uma fala refletindo sobre as limitações do fazer do psicólogo; onde o entrevistado discorreu sobre as limitações da inserção de Psicólogos nas organizações em virtude da falta de compreensão e conhecimento das possibilidades do fazer deste profissional nas mesmas. Corroborar-se novamente com este dado, resultados da pesquisa feita com psicólogos do Espírito Santo (SEÇÃO ES/ CRP – 04, 2002), onde 7,3% dos profissionais entrevistados levantaram que uma das dificuldades encontradas na atuação do Psicólogo é o desconhecimento por parte da população, das empresas e entidades diversas sobre o trabalho desenvolvido pelo psicólogo. Nesta mesma pesquisa a falta de

reconhecimento ao trabalho do psicólogo surgiu como a segunda dificuldade mais apontada pelos profissionais entrevistados no que se refere à atuação profissional (SEÇÃO ES/ CRP – 04, 2002).

Os graduandos entrevistados citaram ainda a relação com o professor de determinada área e/ou abordagem teórico-metodológica como fator condicionante da escolha por determinada área de estágio e campo de atuação. Na literatura Cruz (1998 apud Santos 2004) afirma que o professor é foco de atenção por contribuir para a criação da imagem da profissão.

1.5 Percepção em relação às Diretrizes Curriculares Nacionais

Quando questionados sobre o que dispõe as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Psicologia, cinco dos graduandos entrevistados disseram desconhecer sobre o que dispõe as DCN para a formação de futuros psicólogos. Este pode ser um indício de esquecimento deste conteúdo, uma vez que as Diretrizes fazem parte da ementa de uma das disciplinas do 2º período do curso (CORONEL FABRICIANO, 2008); ou ainda que os graduandos participantes desta pesquisa mostram-se desinteressados em relação a esta temática. Contudo, os outros três participantes da pesquisa apesar de declararem não terem um conhecimento amplo sobre as DCN, mencionaram aspectos importantes referentes à atuação em Psicologia, como a atuação ética, o espaço destinado as práticas e os fundamentos teórico-metodológicos.

As Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Psicologia (2004) dispõe na alínea f do Art. 3º que um curso de Psicologia deve assegurar uma formação baseada no “respeito à ética nas relações com clientes e usuários, com colegas, com o público e na divulgação e na produção e divulgação de pesquisas, trabalhos e informações na área da Psicologia” (BRASIL, 2004, p. 6), o que se exemplifica pela fala de um dos entrevistados que relatou a ênfase dada pelos professores no que se refere à atuação profissional. O Art. 5º das DCN versa sobre a formação em Psicologia articulada em torno de fundamentos epistemológicos e históricos, teórico-metodológicos, além de interface com outros campos de

conhecimentos (BRASIL, 2004), também apontado por um dos entrevistados. Um dos entrevistados fez menção ao espaço de referências para práticas de Psicologia na IES, o que encontra-se coerente com o Art. 25 das DCN que nos diz que,

O projeto do curso deve prever a instalação de um Serviço de Psicologia com as funções de responder às exigências para a formação do psicólogo, congruente com as competências que o curso objetiva desenvolver no aluno e as demandas de Serviço psicológico da comunidade na qual está inserido (BRASIL, 2004, p. 12).

Observa-se que este serviço de Psicologia da IES estudada é um espaço destinado às práticas, onde os alunos participam de forma efetiva, a partir do atendimento às demandas da comunidade; é também o local destinado às supervisões e arquivamento de todos os documentos referentes às práticas discentes (CORONEL FABRICIANO, 2008), encontrando-se de acordo com o que versam as DCN (2004).

Bom, algumas informações básicas eu acredito ter, por exemplo, [...] disponibiliza o NAPP [...] que é um núcleo de atividades práticas [...], isso é necessário para as diretrizes curriculares de estágio, ter um local apropriado para estar fazendo estas práticas, para estar tendo estas supervisões de estágio [...]. (E4)

[...] a gente fala muito sobre a ética, a ética profissional, onde o profissional deve trabalhar mais pautado na ética, e fala também das nossas abordagens, para quando for escolher uma área, para você buscar mesmo uma área que você tenha interesse, agindo assim você pode estar mais pautado na ética. (E8)

2. O processo de escolha da área de atuação

2.1 Áreas Escolhidas

Dentre os graduandos entrevistados, cinco disseram que não escolheram uma área de atuação específica, dois disseram que já escolheram uma área de atuação, destes um optou pela área organizacional e o outro optou pelas áreas Orientação Profissional e Organizacional. Um dos entrevistados relatou sua escolha pela abordagem Fenomenológico-Existencial, demonstrando ainda não possuir afinidade pela área hospitalar.

Os campos de atuação em Psicologia têm ampliado consideravelmente nos últimos anos, o que fez surgir à possibilidade de inserção do psicólogo em várias áreas novas, porém, apesar desta expansão ao mesmo tempo o mercado de trabalho tem se afunilado, o que faz com que muitos profissionais recém formados fiquem sem emprego, cheios de medos e insegurança, tendo em alguns momentos sua subjetividade abalada (LEIBEL, 2002), diante de toda esta amplitude de possibilidades e incertezas, é compreensível que mesmo no final da graduação um número pequeno dos participantes da pesquisa tenha escolhido por uma área de atuação.

Sim. Já escolhi duas, que é orientação profissional e organização [...]. (E1)

Olha, eu diria que hoje eu sou existencial, eu gosto muito da fenomenologia existencial, muito dessa abordagem [...]. (E4)

Eu ainda não defini. Eu gosto da área clínica, mas ainda não defini, eu estou definindo. (E7)

2.2 Motivos da escolha

No que se refere aos motivos da escolha foram citados pelos entrevistados a afinidade pela área, o fato de trabalhar em um contexto onde a Psicologia se faz presente e a identificação pela maneira como determinada área se relaciona com o mercado. Portanto, afinidade com a área. Bastos, Magalhães e Carvalho (2010) corroboram este dado, quando apontam que o processo de escolha de uma profissão é permeado por diversos elementos, que se concentram em dois pólos: internos (ou intrínsecos) e externos (ou extrínsecos). Dentre os primeiros encontram-se fatores como interesses e valores de trabalho.

[...] Eu escolhi a de orientação porque eu me identifico com o processo e com a maneira que ela age com o mercado e a organização eu escolhi também por causa das testagens que eu me identifico com teste e o processo de recrutamento e seleção. (E1)

[...] O motivo da escolha é porque eu acho que é uma abordagem que mais se identifica comigo, com o meu jeito de pensar, com o meu jeito de viver, então a existencial, eu acho que os fundamentos dela né, o que ela diz eu acho que tem muito mais a ver com a minha história de vida, com o que eu sempre pensei da psicologia e da atuação [...]. (E4)

É como eu te falei, acho que por uma identificação, aquilo que você né, vai gostar mais, você vai pegando, aquilo que você gosta menos, você vai afastando um pouquinho. (E5)

2.3 Motivos por não ter feito uma escolha

Observou-se na fala dos entrevistados que disseram não terem escolhido por uma área de atuação específica, que por não estarem inseridos no mercado de trabalho, apesar de possuir afinidade por alguma área há uma abertura para conhecer as diversas possibilidades de atuação na Psicologia. Dado este, que vai de encontro ao sugerido por Bastos, Magalhães e Carvalho (2010), sobre o pólo externo dos elementos que influenciam na escolha profissional, quando apresentam as características do mercado e remuneração, dentre outros, como fatores constituintes do pólo extrínseco.

[...] eu vou muito pelo mercado amanhã. Eu vou formar e o que aparecer eu vou fazer, é lógico que eu tenho as minhas preferências, eu quero muito atuar em clínica, mas eu sei que isso também vai ser com um determinado tempo [...]. (E5)

2.4 Como se dá o processo de escolha da área de atuação

Observou-se que o processo de escolha por uma área de atuação, é percebido de forma diferente para os dois grupos de graduandos em questão: aqueles que escolheram uma área de atuação e aqueles que não escolheram uma área específica.

Para os entrevistados que escolheram sua área de atuação, observou-se uma afinidade desde o início do curso pela área escolhida, não havendo exatamente uma mudança ao longo do curso, mas sim um agregado de novos conhecimentos a partir das vivências ocorridas durante a formação.

Não. Não houve mudanças, houve acrescentamento, igual desde o início do curso minha visão é mais para a organização, agora eu acrescentei com a orientação profissional. (E2)
Ah com certeza, com certeza, porque a organizacional era minha segunda opção né, primeiro eu estava pensando em Educacional, organizacional e

social né, aí educacional ficou um pouco mais distante e a social também e por eu já estar nessa área organizacional eu preferi dar preferência para essa. (E8)

Para os entrevistados que não escolheram, percebe-se que o graduando não inicia o curso com uma área pré-definida, observou-se que apesar de já possuir algum tipo de conhecimento sobre a Psicologia ou alguma área da mesma, há uma valorização dos conhecimentos novos e mudanças que ocorrem ao longo do curso. Segundo os graduandos no início da graduação têm-se uma visão da Psicologia que modifica e amplia-se ao longo do curso.

No começo gostava mais da clínica por ser a área que já conhecia e ao longo do curso foi mudando. (E1)

Sem dúvida houve sim mudanças em todos os aspectos, tanto no que eu pensava da psicologia quanto minha forma de ver a psicologia, mas a mudança não foi grande, porque já entrei no curso sabendo algo sobre a psicologia, desde que me decidi pela psicologia, li muito sobre. (E4)

[...] você entra com uma visão e vai construindo algumas e desconstruindo um monte, então assim, vai mais por uma identificação mesmo com aquilo que você gosta mais, com aquilo que você acredita mais, porque tem um monte de coisa que você vê e questiona e também assim por falta de conhecimento também você vai duvidando e vai julgando mesmo. (E5)

Vale ressaltar que foi percebido na fala de alguns dos entrevistados novamente certa dificuldade em definir abordagem teórica e área de atuação, uma vez que a teoria Existencial foi citada em duas das oito entrevistas como possível área de atuação. Surgiu também em uma das entrevistas a teoria Comportamental enquanto área de atuação, o que novamente assemelha-se aos resultados obtidos na pesquisa realizada pela Seção ES/ CRP- 04 (2002), onde até mesmo profissionais confundem áreas de atuação com técnicas psicológicas, o que sugere que a variedade de possibilidades existentes na Psicologia, faz com que o estudante e/ou o profissional se confundam ao se expressarem com relação às possibilidades de campo de atuação e abordagens teórico-metodológicas da Psicologia.

Assim, em uma área eu nem pensava nessa área, aí durante o curso, que é a existencial, existencialista fenomenológica, então durante o curso né, depois de ter visto as matérias ligada à área eu me identifiquei muito [...]. (E3)

Um dos entrevistados quando indagado sobre a escolha, referiu-se a seu processo de escolha pela Psicologia, que foi desde a adolescência, onde sempre gostou de ouvir e ajudar as pessoas; não havendo mudança ao longo do tempo, este dado pode ser conjugado com dados levantados por Magalhães et al. (2001 apud BARDAGI et al., 2008), onde estudos feitos com estudantes de Psicologia, apontam que estes geralmente apresentam uma visão idealista da Psicologia como a ajuda ao outro, característica esta do assistencialismo.

[...] eu decidi porque eu gostava muito de conversar com as pessoas, porque eu gostava muito quando me procuravam para falar dos seus problemas, das suas dificuldades e eu podia de alguma forma ajudar, né, de alguma forma estar ouvindo, estar conversando, estar acolhendo este sofrimento, então assim, eu me pautei nisso pra minha escolha. (E4)

Identificou-se em algumas falas, uma visão do fazer da práxis do psicólogo caracterizada no senso comum, ou seja, como a *arte* de ouvir o outro. Ressalta-se que, o diferencial da escuta clínica encontra-se na qualidade da escuta e acolhida que se oferece àquele que apresenta uma demanda psíquica. Representa ainda uma postura diferenciada, pautada na compreensão do homem enquanto um ser que pensa, fala e constrói sentidos, e sua subjetividade é construída em um determinado mundo e momento de sua história (DUTRA, 2004).

Foi colocada por um dos entrevistados certa dificuldade com a área clínica, fato este que fez com que optasse pelo estágio nesta área, até mesmo para experimentar e se orientar melhor para uma possível escolha, uma vez que segundo este, a falta de afinidade pode ser um impasse para que atue na Clínica. Foi identificado na fala de alguns dos participantes um interesse pela atuação na área clínica, mas a longo prazo, pois, segundo estes para se atuar na clínica é necessário certa estabilidade, reconhecimento e solidez na atuação profissional, por esta área se caracterizar por certa imprevisibilidade, principalmente quanto à remuneração.

É...eu agora, por exemplo, estou com um estágio na área social, e um estágio na área clínica, eu peguei a clínica justamente pela dificuldade que eu tenho, eu ainda estou em período de avaliação de aprendizagem, e tudo mais, então eu quis me forçar um pouco a conhecer pra não falar que eu não me identifiquei porque eu não tentei, porque eu não fui, mas a minha identificação maior tem sido na área social. (E6)

Vale ressaltar que os entrevistados apontam a escolha pela área clínica, corroborando dados apresentados por autores como Bastos e Gomide (1989) e Gondim, Bastos e Peixoto (2010). Contudo, é sabido que a área clínica, tem sido vinculada a outras áreas como a organizacional, social e docência (GONDIM; BASTOS; PEIXOTO, 2010), evidenciando a ampliação do olhar *Psi* para além da clínica tradicional, o que segundo Neto (2011, p.30) caracteriza “o incremento de variadas práticas de trabalho com a subjetividade, alternativas em relação aos tratamentos psicoterapêuticos oficiais”.

Considerações finais

A presente investigação elencou questões relevantes no que se refere à escolha por uma abordagem psicológica e por uma área de atuação em Psicologia. Dentre os oito participantes da pesquisa, dois já se decidiram por uma área de atuação, um relatou uma escolha por uma abordagem psicológica e não por uma área de atuação específica e cinco dos entrevistados até o momento da entrevista não tinham escolhido sua área de atuação. Fato este relevante para se compreender que não há uma obrigatoriedade de se fazer uma escolha durante a graduação, uma vez que a escolha por uma área específica é um processo que pode fazer parte da formação de cada indivíduo, podendo ocorrer de forma singular em momentos específicos para cada graduando. Vale ressaltar que esta obrigatoriedade pode estar presente para alguns graduandos que ao se depararem com a diversidade da Psicologia sentem-se “obrigados” a escolher por uma área de atuação.

Observou-se que para os graduandos entrevistados o processo de graduação em Psicologia é caracterizado por uma experimentação do fazer do profissional de Psicologia a partir das práticas e estágios vivenciados ao longo do curso, e que estes vão lapidando o olhar sobre as possibilidades de atuação em Psicologia, mas que a escolha pode não ocorrer durante o período de graduação. Ressaltam-se as diversas variáveis que podem se fazer presentes neste processo de escolha: análise do mercado de trabalho; práticas e estágios ofertados e vivenciados; relação do graduando com o professor da área/ abordagem que ele ministra; identificação

com determinada área e/ou teoria; o fato de estar inserido em determinada área, dentre outras. Portanto, é importante salientar que as diversas experiências vivenciadas pelos graduandos de um curso de Psicologia podem ser de fundamental importância para o desenvolvimento da escolha de uma abordagem psicológica ou por uma área de atuação no campo da Psicologia. Por outro lado, essa escolha nem sempre acontece ao longo da graduação, podendo os graduandos optar por aguardar as oportunidades do mercado.

Outro dado relevante da pesquisa é a constatação de que há uma dificuldade em definir abordagem teórica e área de atuação entre os estudantes. Entretanto, vale salientar que por se tratar de uma pesquisa qualitativa, não é possível generalizar os resultados, contudo estes servem de subsídios para o surgimento de novas pesquisas referentes a esta temática, uma vez que encontrou-se poucos estudos relacionados com a problemática investigada. Os resultados servem também para uma possível análise do curso ofertado, uma vez que emergiram dados sobre aspectos referentes a processos acadêmicos do curso.

Em síntese, foi possível perceber com o estudo em questão que o processo de escolha da área de atuação pelo graduando de Psicologia é um processo singular e complexo, sendo importante sua compreensão. Sendo necessário para além da escolha da área de atuação, uma formação que enfatize o espírito investigativo do aluno, a curiosidade pela pesquisa, que suscite a capacidade de aprender não somente com a instituição, mas com suas vivências, através da busca de respostas às suas próprias questões, capaz de compreender a Psicologia enquanto uma ciência em constante desenvolvimento (LEIBEL, 2002), tornando-se um profissional apto a atuar nos diversos contextos aos quais a Psicologia se faz presente.

Referências

ABDALLA, Ively Guimarães, BATISTA, Sylvia Helena e BATISTA, Nildo Alves. *Desafios do ensino de psicologia clínica em cursos de psicologia. Psicol. cienc. prof.* [online]. dez. 2008, vol.28, no.4 [citado 21 Novembro 2009], p.806-819. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-

98932008000400012&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1414-9893. Acesso em 21 de nov. de 2009.

ANGELINI, Arrigo Leonardo. Subsídios para a história da psicologia no Brasil. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*. São Paulo, vol. XXV, n. 001, p. 15-21, jan-abr 2005. Disponível em < <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/946/94625104.pdf> >. Acesso em 24 de jun. de 2010.

BARDAGI et al. Avaliação da Formação e Trajetória Profissional na Perspectiva de Egressos de um Curso de Psicologia. *Psicologia Ciência e Profissão* [online]. 2008, vol.28, no.2 [citado em 09 Junho 2010], p.304-315. Disponível em < <http://revista.psicologiaonline.org.br/index.php/rpcp/article/viewFile/86/35>> Acesso em 09 de jun. de 2010.

BASTOS, Antônio Virgílio Bittencourt; GOMIDE, Paula Inez Cunha. O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. *Psicologia Ciência e Profissão* [online]., Brasília, v. 9, n. 1, 1989. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931989000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 abr. 2012.

BASTOS, A.V.B; MAGALHÃES, M.O; CARVALHO, T. A. T. Os vínculos do psicólogo com seu trabalho: uma análise do comprometimento com a profissão e com a área de atuação. In: BASTOS, A.V.B.; GONDIM, S.M.G; RODRIGUES e cols. *O trabalho do psicólogo no Brasil*. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 174-199.

BRASIL. Atribuições Profissionais do Psicólogo no Brasil CBO - *Classificação Brasileira de Ocupações (2002)*, instituída por portaria ministerial nº. 397, de 9 de outubro de 2002. Disponível em < http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/atr_prof_psicologo_cbo.pdf> Acesso em 09 de jun. de 2010.

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia. *Atribuições Profissionais do Psicólogo no Brasil*. Disponível em <http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/atr_prof_psicologo.pdf>. Acesso em 30 mar. 2012.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. (2004). *Parecer do CNE/CES nº 67*, aprova referencial para as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN – dos cursos de graduação e propõe a revogação do ato homologatório do Parecer CNE/CES nº 146/2002. Disponível em <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/pcp/v28n4/v28n4a12.pdf>> . Acesso em 09 de jun. de 2010.

BUENO, José Maurício Haas; LEMOS, Caioá Geraiges; TOMÉ, Fátima Aparecida M.F. Interesses profissionais de um grupo de estudantes de Psicologia e suas relações com inteligência e personalidade. *Psicologia em Estudo*, Maringá, mai./ago, 2004. vol.9, no.2, p 271-278.

CAMPOS, Luis Fernando de Lara. *Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia*. 3ª ed. São Paulo: Alínea, 2004.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA 4ª REGIÃO (MG/ES) SEÇÃO ES –
PROJETO: Quem somos? Onde estamos? O que fazemos?. Vitória, ES, 2002.

DUTRA, Elza. Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia*. Natal, v. 9, n. 2, Aug. 2004 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000200021&lng=en&nrm=iso>. access on 09 June 2010. doi: 10.1590/S1413-294X2004000200021..

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de Conteúdo*. 2ª ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. O psicólogo e sua ideologia. *Psicologia Ciência e Profissão* [online]. 1985, vol.5, no.1 [citado 30 Novembro 2009], p.12-17. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931985000100005&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1414-9893. Acesso em 04 de novembro de 2009.

GONDIM, S. M. G.; BASTOS, A. V. B.; PEIXOTO, L. S. A. Áreas de atuação, atividades e abordagens teóricas do psicólogo brasileiro. In: BASTOS, A.V.B.; GONDIM, S.M.G; RODRIGUES e cols. *O trabalho do psicólogo no Brasil*. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 174-199.

GOODWIN, C. James. *História da Psicologia Moderna*. São Paulo: Cultrix, 2005.

LEIBEL, Letícia Ayres do Nascimento. *A passagem do estado de aluno de Psicologia para o estado de profissional de Psicologia*. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 2002. Disponível em < <http://biblioteca.estacio.br/artigos/007.htm>>. Acesso em 09 de jun. de 2010.

NETO, João Leite Ferreira. *Psicologia, políticas públicas e o SUS*. São Paulo: Escuta, 2011. 224 p.

PEREIRA, Fernanda Martins e PEREIRA NETO, André. O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. *Psicologia em Estudo*. [online]. 2003, vol.8, n.2, pp. 19-27. ISSN 1413-7372. doi: 10.1590/S1413-73722003000200003. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722003000200003&script=sci_abstract&tlng=pt> acesso em 03 de ago. de 2009.

CORONEL FABRICIANO. *Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia*. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, Coronel Fabriciano-MG, 2008.

SANTOS, Wellington. *Expectativas de estudantes de psicologia em relação a seu futuro trabalho profissional*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

UVALDO, C. C. A relação homem-trabalho. Em A. M. Bock (Org.). *A escolha profissional em questão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995. p. 215-237.